PINTURA E CORPO NA FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY

José Martins de Lima Neto

Editora da Universidade do Estado da Bahia

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

José Bites de Carvalho
Reitor

Marcelo Duarte Dantas de Ávila
Vice-Reitor

Editora da Universidade do Estado da Bahia - EDUNEB

Diretora
Sandra Regina Soares

Conselho Editorial

Titulares	**Suplentes**
Hugo Saba Pereira Cardoso	Marluce Alves dos Santos
Darcy Ribeiro de Castro	Maristela Casé Costa Cunha
Rudval Souza da Silva	Mônica Beltrame
Reginaldo Conceição Cerqueira	Marcos Antonio Vanderlei
Luiz Carlos dos Santos	Nilson Roberto da Silva Gimenes
Maria das Graças de Andrade Leal	Márcia Cristina Lacerda Ribeiro
Gabriela Sousa Rêgo Pimentel	Agripino Souza Coelho Neto
Alan da Silva Sampaio	Eduardo José Santos Borges
Valquíria Claudete Machado Borba	Marcos Bispo dos Santos
Rosemary Lapa de Oliveira	Marcos Aurélio dos Santos Souza
Obdália Santana Ferraz Silva	Monalisa dos Reis Aguiar Pereira
Elizeu Clementino de Souza	Isaura Santana Fontes
Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios	Marilde Queiroz Guedes
Simone Leal Souza Coité	Célia Tanajura Machado

JOSÉ MARTINS DE LIMA NETO

PINTURA E CORPO NA FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY

EDUNEB

SALVADOR

2020

© 2020 Autor

Direitos para esta edição cedidos à Editora da Universidade do Estado da Bahia.

Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma idêntica, resumida ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.
Depósito Legal na Biblioteca Nacional.
Impresso no Brasil em 2020.

Coordenação Editorial
Fernanda de Jesus Cerqueira

Coordenação de Design
Sidney Silva

Diagramação e Capa
Sidney Silva

Revisão textual e Normalização
Junior Silva e Mônica Silva/Tikinet

FICHA CATALOGRÁFICA
Bibliotecária: Fernanda de Jesus Cerqueira – CRB 162-5

Lima Neto, José Martins de
Pintura e corpo na Filosofia de Merleau-Ponty/ José Martins de Lima Neto. – Salvador: EDUNEB, 2020.

124 p.

ISBN 978-65-87164-02-1

1. Filosofia. 2. Arte. 3. Linguagem corporal. I. Merleau Ponty, Maurice.

CDD: 100

Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB
Rua Silveira Martins, 2555 – Cabula
41150-000 – Salvador – BA
editora@listas.uneb.br
www.uneb.br

Editora filiada à
Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

SUMÁRIO

PREFÁCIO 11

INTRODUÇÃO 15

CORPO E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA 21

- RESTITUIÇÃO DO NOSSO CONTATO PRIMORDIAL COM O MUNDO DA PERCEPÇÃO 22
- A RELAÇÃO ALMA-CORPO: CRÍTICA DAS CONCEPÇÕES CLÁSSICAS 31
- O CORPO FENOMENAL 39
- DO CORPO À CARNE 45

A EXPRESSÃO: A PERCEPÇÃO E O MUNDO PERCEBIDO 51

- O MILAGRE DA EXPRESSÃO 59
- CÉZANNE E A EXPRESSÃO DO QUE EXISTE 68
- A EXPRESSÃO PICTÓRICA E A LINGUAGEM VERBAL 78

PINTURA E VISIBILIDADE: MERLEAU-PONTY E MALRAUX – A PINTURA CLÁSSICA E A PINTURA MODERNA 85

- A HISTORICIDADE: A UNIDADE E O INACABAMENTO DA PINTURA 91
- A PINTURA E A VISÃO 99
- O OLHO E O VISÍVEL – O ESPÍRITO E O INVISÍVEL 106

CONCLUSÃO 117

REFERÊNCIAS 121

INTRODUÇÃO

Ora, a arte, e especialmente a pintura, abeberam-se nesse lençol de sentido bruto do qual o ativismo nada quer saber. São mesmo as únicas a fazê-lo com toda a inocência.

Merleau-Ponty, "O olho e o espírito", p. 15.

Esta obra é oriunda de uma pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), cujo objetivo central foi investigar o lugar privilegiado da pintura no pensamento de Merleau-Ponty. Para tanto, analisamos sua concepção de corpo, com destaque para o que ele chama de corpo próprio, identificando as principais características da sua noção de expressão e analisando o desenvolvimento de uma ontologia da visão, vinculada a uma reflexão sobre a experiência estética. Merleau-Ponty afirma, em "O olho e o espírito" (2004c), que há um privilégio da pintura em relação à expressão do ser, à nossa imersão no ser, em detrimento, por exemplo, da poesia e da música. Referência recorrente em sua filosofia, a pintura nunca serviu ao filósofo como mera ilustração.

A relação fecunda entre Arte e Filosofia, mesmo quando a Filosofia se opôs à Arte, é inegável, ainda que a pintura, em especial, tenha um papel de destaque tanto do ponto de vista fenomenológico quanto ontológico; isto é, algo novo na história da Filosofia. Por que a Arte é um meio privilegiado para se pensar o problema do ser? E por que a pintura tem, para Merleau-Ponty, um papel de destaque?

O problema trata da visibilidade em seu estado primário, se assim podemos dizer, ou seja, da reversibilidade existente entre visível e vidente. Ele diz respeito ao mundo pré-humano mostrado por meio da pintura e que só ela pode mostrar com toda inocência e brutalidade. É justamente o "ser bruto" que o pintor busca captar para transformar a tela em branco no quadro que o convoca.

Um dos motivos da importância atribuída por Merleau-Ponty à pintura é o privilégio que ela tem de captar o ser mudo sem arrancá-lo do seu mutismo. A pintura consiste, como afirma Jean-Yves Mercury (2000, p. 228, tradução nossa),

> […] em uma aproximação silenciosa do mundo. Porém ela libera, por assim dizer, o silêncio obstinado e obsceno do mundo e das coisas e os transforma, pelo próprio ato da criação pictórica, no silêncio rumorejante de "palavras", de sentido e de expressão.[1]

Segundo François Cavallier (1998, p. 97, tradução nossa), "Merleau-Ponty procura falar e pensar como pinta o pintor".[2]

É pela dedicação à fenomenologia da percepção que pôde surgir, em Merleau-Ponty, o problema da visibilidade como cerne de uma ontologia, que se encontra inacabada nas notas de seu livro póstumo, *O visível e o invisível* (1992), e que se contrapõe à Metafísica clássica. A retomada do contato primeiro do homem com o mundo que se abre nos conduz a uma valorização dos sentidos, inclusive para

---

[1] "En ce sens la peinture constitue bien une approche silencieuse du monde mais elle 'libère', pour ainsi dire, le silence têtu et obscène du monde et des choses en les transformant, par l'acte même de la création picturale, en les silences bruissants de 'paroles', de sens, d'expression" (MERCURY, 2000, p. 228).

[2] "Merleau-Ponty cherche à parler et à penser comme peint le peintre" (CAVALLIER, 1998, p. 97).

o conhecimento. Aí aparece a pintura como uma expressão privilegiada para pensar a nossa relação mais íntima com o mundo e o ser.

Como surge o sentido ou de onde ele advém? O que confere sentido às coisas, ao mundo e às nossas ações? O mundo que percebemos, do qual falamos e sobre o qual refletimos, é um decalque do mundo real? Ou uma representação de um mundo perdido para nós sujeitos? Diante de tais questões, parece que a pintura tem algo a "dizer" ao filósofo.

A pintura moderna, e em especial a de Paul Cézanne, na medida em que nos liberta da ideia de representacionismo, recebe uma particular atenção de Merleau-Ponty. A pintura não representa, nem nunca representou as coisas, ainda que assim pudessem pensar, inclusive, os pintores. Ao contrário, nos faz ver um mundo que é essencialmente carnal, que tem "densidade". Um mundo que não está além do sensível, mas se realiza nesse sensível.

Com base na reversibilidade entre visível e vidente, a pintura encontra as coisas em estado nascente, realiza o enigma da visibilidade e expõe um tipo de reflexão pré-consciente. Ela mostra que a interpretação e o sentido das coisas não passam necessariamente pela consciência, pois a própria percepção já fornece um sentido nascente.

Privilegiamos os textos em que Merleau-Ponty trata explicitamente da pintura, visto que nosso objetivo foi situar o papel dessa arte no desenvolvimento da filosofia merleau-pontiana. Realizamos aqui, por meio do diálogo com uma bibliografia pertinente ao tema da expressão, uma interpretação do papel da pintura no pensamento do filósofo, por meio de ideias que se encontram dispersas ou insinuadas nele.

Na seção "Corpo e experiência estética" deste livro, o objetivo é explicitar como o projeto merleau-pontiano de restituir nosso contato primordial com o mundo da percepção se articula com a reflexão sobre o corpo, aí estabelecendo uma oposição às filosofias que privilegiaram a consciência – subjetividade – em detrimento da corporeidade. Partimos da ideia de restituição do sensível, que se inicia em *A estrutura do comportamento* (MERLEAU-PONTY, 2006), por meio do diálogo com a tradição filosófica e a ciência moderna, as quais privilegiaram a razão (consciência) em detrimento da experiência sensível, fortalecendo a visão dualista que separa corpo e alma. Merleau-Ponty discute com a Psicologia moderna, especialmente, a noção de comportamento. Destacamos, neste livro, o quarto capítulo, que trata das relações entre a alma e o corpo, no qual a noção de corpo vivido ganha destaque e, posteriormente, será fundamental ao projeto de restituição do sensível do filósofo. Já na *Fenomenologia da percepção* (MERLEAU-PONTY, 1999), o tema central é a percepção e a reflexão em torno da experiência sensível com base na noção de corpo como "corpo próprio".

Em seguida, na seção "A expressão: a percepção e o mundo percebido", tratamos da sua teoria da expressão. Particularmente, em relação à *Fenomenologia da percepção*, mostramos uma ponderação sobre a noção de expressão a partir "[…] dos atos da expressão autêntica – aqueles do escritor, do artista ou do filósofo." (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 267). Ou seja, encontra-se aí uma divisão entre o caráter instituído e instituinte da própria expressão – "fala falada" e "fala falante". Procuramos estudar essa noção de "expressão criadora" (como chamará mais tarde) relacionando-a ao tema do corpo próprio. Em "A dúvida de Cézanne" (MERLEAU-PONTY, 2004a), encontramos um problema que parece se destacar da reflexão do corpo próprio,

tal como se dá no sexto capítulo da *Fenomenologia da percepção*, em que o autor dedica-se, como indica o título, a pensar sobre a tarefa do pintor a quem mais se referiu em seus textos – Cézanne.

Na seção "Pintura e visibilidade: Merleau-Ponty e Malraux – A pintura clássica e a pintura moderna", tendo em vista a inferência da pintura como atividade de todo pintor, buscamos explicitar de que maneira o filósofo a compreendeu como expressão primordial, aquela que encontra as coisas em estado nascente. E, a partir do diálogo com a pintura moderna, que se realiza também em "A linguagem indireta e as vozes do silêncio" (MERLEAU-PONTY, 2004b), destacamos a contraposição à estética da representação, por meio de sua estética da expressão. Consideramos como "pintura moderna" aquela que foi desenvolvida no mesmo período designado pela História da Arte como Arte Moderna e, conforme José Câmara (1996, p. 12),

> […] assim designamos a arte resultante das rupturas que, na sequência da experiência impressionista, determinaram todo o caminho posterior da arte ocidental.

Buscamos em "A linguagem indireta e as vozes do silêncio" (MERLEAU-PONTY, 2004b), além da importância concedida à pintura moderna, atentar para o ponto de vista da pintura como sendo uma "linguagem muda", a distinção entre a pintura e a linguagem verbal e, de modo mais explícito, a sua concepção de expressão criadora e expressão primária em que procura restabelecer a unidade viva própria à pintura (diferente de Malraux, que encontrava essa unidade no museu). Nas palavras de Lacoste (1986, p. 105-106):

> […] não a partir de um objeto que seria permanente (a natureza) e que os pintores se contentariam em imitar, mas a partir de uma tarefa que, de certo modo, permanece eterna: instituir o encontro do olhar com as coisas que o solicitam.

E, por fim, em "O olho e o espírito" (MERLEAU-PONTY, 2004c), a reflexão que sempre acompanhou Merleau-Ponty se dá por via da tomada da pintura como a expressão privilegiada, que exprime o enigma da visibilidade.

Investigamos, no terceiro texto, o caráter ontológico concedido à pintura, como aquela expressão que mostrará a "fissão do ser" e que possibilitará "ver" um pensamento do ser encarnado e a ideia de reversibilidade entre visível e vidente que advém da própria *deiscência do ser*. Destacamos, ainda, a parte intitulada "O entrelaçamento: o quiasma" (MERLEAU-PONTY, 1992), do livro *O visível e o invisível*, que, apesar de não tratar diretamente da pintura, foi fundamental para maior compreensão do significado das noções que aparecem em "O olho e o espírito" (MERLEAU-PONTY, 2004c).